

## ALCA – BENEFÍCIO OU AMEAÇA AO MERCOSUL?

Fátima Maria Pegorini Gimenes\*

**RESUMO:** A integração tem permitido que as nações superem conflitos históricos e tem reunido povos que se encontravam separados por divergências econômicas e políticas. Superadas as rivalidades do passado, inicia-se um processo para constituição de um mercado comum entre os países do Cone Sul. No entanto, no caminho do Mercosul, surge a proposta norte-americana para a constituição da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) até 2005. Algumas indagações não podem deixar de ser colocadas nesse contexto. Qual a melhor opção para os países-membros do Mercosul, avançar rumo ao mercado comum ou retroceder e assimilar a proposta de uma área de livre comércio, constituída por 34 países da América? Qual a verdadeira intenção dos Estados Unidos, ao proporem a Alca? A dissolução do Mercosul é, apenas e acima de tudo, uma tentativa norte-americana para a manutenção do poder e da hegemonia mundial? Baseando-se na interpretação das negociações mantidas até o momento, o presente estudo analisa as vantagens e perigos que a constituição da Alca representa, como também, procura identificar a opção mais viável de integração econômica para o Mercosul.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEPAL. América Latina en la agenda de transformaciones estructurales dela Unión Europea - serie temas de Coyuntura. Santiago de Chile: julio de 1999.

CHALOULT, Y. ; ALMEIDA, P. R. Mercosul, Nafta e Alca a dimensão social. São Paulo: 1999. p. 50.

CRUZ, M. C. M. T. Integração econômica da América Latina: uma avaliação das experiências passadas e uma perspectiva cautelosa para o futuro do Mercosul. São Paulo: 1994. Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação da FGV/EASP. p. 10-14. Folha de São Paulo, São Paulo, 17/12/1999, Dinheiro, Caderno 2. p.4.

GODINHO, F. Venda aos EUA poderia somar US\$ 35 bilhões. Folha de São Paulo, São Paulo, 21/10/1999. p.14.

MARTINS, L. Alca uma pauta para discussão política-externa. Revista Conjuntura Econômica. São Paulo: N. 4/1, março/agosto, 1997. p. 57.

MORAES, A. E. Dormir de olhos abertos. Folha de São Paulo. São Paulo. 11/02/2001, p. A2.

THORSTENSEN, V. Comunidade Européia: líder do comércio internacional. São Paulo: Aduaneiras, 1993. p. 39-40.

\* Doutora pela Universidade de León – Espanha. Professora Titular de Teoria Econômica. Instituição: Universidade Paranaense – UNIPAR. e-mail: [fm Gimenes@uol.com.br](mailto:fm Gimenes@uol.com.br)

## IMPrensa: FONTE PRIMÁRIA DA HISTÓRIA

Graça Milanez

A atividade jornalística e a historiografia compartilham a função de relatar fatos. Embora normalmente esta volta ao passado para cumprir seu papel e aquela se empenha com o factual, ambas as práticas estão centradas em registrar o que de mais importante acontece na sociedade.

As inter-relações entre Jornalismo e História atualmente estão inspirando muitas pesquisas. Jornalistas vasculham arquivos para divulgar fatos (ou alguns de seus detalhes) inéditos; historiadores folheiam revistas e jornais antigos em busca de dados para facilitar ou incrementar suas pesquisas. O bom trabalho jornalístico, entendido como o relato ético, fiel, compreensível da realidade, permite essa troca. O assunto é instigante e abre muitas possibilidades de discussão.

Neste trabalho, propomos um debate que permite valorizar a ação jornalística como uma fonte primária da história. Pretendemos ressaltar o quanto pode ser útil e produtivo a um historiador recorrer aos registros da imprensa para levantar e ou complementar informações pertinentes às suas investigações, apesar dos meios de comunicação de massa terem sido alvo de severas e freqüentes críticas de pesquisadores por não cumprirem a função social de informar e educar, por trabalham ideologicamente a informação de forma que ela possa ser o mais vendível possível, por distorcerem fatos, por reservarem espaços nobres ao sensacionalismo, entre outros absurdos. Logicamente, todo historiador atento conhece esse comportamento da mídia e sabe discernir entre o que tem e o que não tem qualidade, entre o que serve ou o que não serve como referencial. Por isso, não vamos nos embrenhar nesta questão filosófica exaustiva e infundável, mas sim nos ater a ressaltar o potencial que aflora da afinidade entre as duas áreas: jornalismo e história. Este é o objetivo principal deste trabalho, que será ilustrado com exemplos expressivos de testemunhos imortalizados pela imprensa.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Revista no Brasil. São Paulo: Abril, 2000.

ARAUJO, Inácio. Cinema: o mundo em movimento. São Paulo: Scipione, 1995.

CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Lígia. O Bravo matutino - imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CAPELATO, Maria Helena. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto. 1990.

GIOVANNINI, Giovanni. Evolução da comunicação: do sílex ao silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

MATTELART, Armand. Comunicação Mundo: História das idéias e das estratégias. Petrópolis: Vozes, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1983.